

Para Falar de Disciplina, Corpos e Conhecimentos Entre os Muros da Escola¹

Talking on Discipline, Body and Knowledge in The Class

Bruno dos Santos Pastoriza²

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas-RS, Brasil

José Claudio Del Pino³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre-RS, Brasil

Resumo

A partir de um cenário idealizado no filme *Entre os Muros da Escola* e de outros que percorrem experiências reais é que se desenvolve este ensaio. Nesse sentido, a proposta é evidenciar uma série de relações (com ênfase nas relações de poder) que são traçadas nesse locus escolar e que, a cada movimento tanto o põem numa conjuntura de outros espaços, instituições, sujeitos, quanto o localizam e, sobre ele, agem. Dando destaque para a ideia da evidenciação dos muros que percorrem a escola, o texto realiza um trabalho de pensamento no qual confluem práticas de escolas reais, da escola de Cantet e Bégaudeau (autores do filme) e, ainda, proposições de autores como Michel Foucault. Emergem no ensaio, então, microanalíticas da espacialidade escolar, dos corpos que ali se encontram disciplinados e dos conhecimentos que, assim como os corpos, se organizam nessa mesma lógica. Dos encaminhamentos, surge o destaque para a economia e eficiência do poder disciplinar que percorre a escola e, por uma série de elementos, avigora seus muros.

Palavras-chave: Escola, Poder disciplinar, Espaço físico, Discurso.

Abstract

This essay is developed on the basis of an ideal scenario extracted from the movie *The Class* and real school experiences. In this way, relations (power relations) are outlined on the school. In each analytical movement, a dynamic action between school and other spaces, institutions and subjects is presented and their articulations are commented. With focus on the school walls, the scenario constructed in the movie, and articulated with real experience, is discussed in conjunction with authors such as Michel Foucault. Microanalysis of school spatiality, bodies, and knowledge rises from discussion on disciplinary power action. The economy and efficiency of disciplinary power in the school and their walls are commented as an important point to problematize.

Keywords: School, Disciplinary power, Physical space, Discourse.

1 Texto produzido em função da pesquisa de doutorado do primeiro autor acerca dos discursos disciplinares que perpassam o campo da Educação escolarizada e, em especial, da Educação Química.

2 Professor na Universidade Federal de Pelotas e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem experiência no campo da formação de professores e trabalha na área da Educação em Ciências, com ênfase na Educação Química. E-mail: bspastoriza@gmail.com

3 Professor e colaborador da Área de Educação Química da UFRGS e docente na Universidade Integrada do Vale do Taquari, tem experiência na área da Educação em Ciências, com ênfase na Educação Química, e é pesquisador 1D do CNPq. E-mail: delpinojc@yahoo.com.br

A escola tem muros? Segundo Laurent Cantet e François Bégaudeau (ENTRE LES MURS, 2008), sim, e eles nos trazem essa ideia de maneira magistral através de uma imersão nesse espaço bem especificado e, provavelmente, muito mais familiar do que outros que conheçamos. Problematicando para além dessa física de tijolo e argamassa, os cineastas permitem-nos uma pluralização desse espaço que traz elementos os quais tornam inegável o local de onde se fala. Ainda que na versão brasileira, talvez por prudência, talvez por vontade de objetivação, tenha-se buscado contornar a reticência possibilitada pelo título original ao acrescentar *da Escola*, não há como duvidar, após os dois primeiros minutos, de onde se passa o filme e, no seu decorrer, cada vez mais se acentuam os muros dos quais Cantet e Bégaudeau querem falar.

Já nas primeiras cenas eles vão dando indícios da localização espacial e da muralha que se *ergue e engole* os que dentro desse terreno traçam suas lutas, seus dias, suas vidas. Os cumprimentos iniciais entre as personagens imediatamente indicam o começo de uma fase, sendo essa informação maximizada na cena seguinte: barulho; motores funcionando. O clima é de espera, de preparação. Essa cena, que, por uma série de indícios, torna claro o local em que se está, mostra-se em seu auge quando a câmera, por trás de um senhor, se posiciona de forma a possibilitar a visualização de um marco de porta, o qual indica a limitação do ambiente que à frente se eleva. Lá, por cima dos ombros desse senhor, surgem móveis os quais sabemos, no mesmo momento em que os vemos, não se tratarem de quaisquer móveis, tendo em vista sua disposição espacial, seu tamanho, sua proporção entre cadeiras e mesas, seu número, seu direcionamento, seu alinhamento horizontal e vertical traçados no plano em que se dispõem e que nos possibilitam formar uma imagem quadriculada. Tudo isso nos faz identificar esses móveis como classes e cadeiras de uma *sala de aula*.

Percebemos, então, a maestria de Cantet e Bégaudeau, pois não é necessário falar onde se está – apesar de o título original do filme reforçar isso. Contudo, o jogo cênico insere-nos naquele espaço: é, sim, uma sala de aula. Ainda, numa curta duração temporal e já realizadas as devidas associações, a cena é finalizada com um grupo de senhoras que limpam as carteiras as quais, em pouco tempo, acreditamos, serão utilizadas por estudantes. Primeiras cenas, primeiros indícios, primeiras conclusões. Estamos em um determinado espaço físico, mas que se desdobra para além dele mesmo ao nos colocar ali; a forçar uma identificação que permite, já, logo de início, apesar das muitas diferenças daquilo que possamos ter vivido e daquilo que nos é apresentado nessa caricatura em filme, refazer o trabalho que a versão brasileira do filme gostaria de ter-nos poupado de fazer: estamos entrando numa escola.

É nesse cenário que desenvolvemos este ensaio. Com a proposta de problematizar as relações de poder que aí se estabelecem, buscaremos evidenciar por meio de uma análise do filme de Cantet e Bégaudeau, aliada às propostas elaboradas por Michel Foucault e outros autores, bem como às experiências reais que nos perpassam as quais podemos evidenciar em diferentes meios (midiáticos, oficiais, etc.), algumas práticas que marcam a presença de uma força específica que age nesse espaço e a qual chamaremos de poder disciplinar. A partir disso, buscaremos evidenciar que a ação desse poder se exerce para além dos corpos (locais por excelência de desenvolvimento de muitas propostas analíticas) e se espraia em diversas direções – uma

das quais tem efeitos diretamente acerca dos conhecimentos que são produzidos no ambiente escolar.

Em termos metodológicos, o texto foi organizado num processo rizomático, o qual buscou aproximar as propostas que surgem das análises conjugadas do filme, das experiências, dos casos reais e das discussões teóricas. Nesses termos, apresentamos o texto em quatro partes: a primeira enfatiza o conjunto escolar e recorre ao filme para tratar de seus muros e sua dupla função de expandi-la para além dela mesma e, ao mesmo tempo, localizá-la; a segunda enfoca a presença dos corpos a partir do que chamaremos aqui de *função sinal*; e a terceira apropria-se de tal função para tratar acerca dos conhecimentos e seu atravessamentos pelas questões do poder disciplinar. Desse conjunto, vemos a possibilidade de trabalhar na quarta e última parte o avigoramento da escola enquanto espaço que apresenta características muito próprias e que, embora esteja posto num cenário global e complexo, nos autoriza a falar na presença, tanto física quanto metafórica, de seus muros.

I

Nos primeiros momentos deste texto, já expusemos o cenário a partir do qual o filme se desdobra. Aos poucos, somos conduzidos por uma série de cenas que, de fato, e no sentido que pretendemos desenvolver, não são unicamente cenas, mas, fundamentalmente, *relações*; relações que vamos percebendo nas carteiras enfileiradas; nos alunos que têm de se levantar a cada momento que chega um adulto em sua sala de aula; nos eventos cotidianos e repetitivos do dia a dia, etc. Ronda sempre, nessa miríade de interconexões que o cinema faz com nossa experiência diária, o exercício de poderes que se estabelecem numa relação entre diferentes sujeitos, visibilizado em todos os momentos. Percebemos que o filme de Cantet e Bégaudeau representa algo que muito nos é familiar e, por esse motivo, pode ser situado no espaço compreendido pelos muros dos quais falam: a presença de *relações de poder* que organizam, distribuem e esquadrinham cada elemento constituinte da cena dessa escola caricata.

Diferentemente de uma concepção dura e reducionista de poder, que o associa a “efeitos de poder em termos negativos: ele ‘exclui’, ‘reprime’, ‘recalca’, ‘censura’, ‘abstrai’, ‘mascara’, ‘esconde’” (FOUCAULT, 2012, p. 185), esse poder que se destaca no filme, que perpassa nossas vivências, que se multiplica na escola (mas não só nela), deve ser compreendido a partir daquilo que ele produz: “ele produz realidade; produz campos de objetos rituais da verdade; o indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (FOUCAULT, 2012, p. 185). Ao entender desse modo o poder, suas relações e realidades, temos nos aproximado de Michel Foucault e seu modo particular de análise, o que nos possibilita falar de um feixe de relações de poder que interpelam a escola, mas que, longe de se limitar a ela, se multiplica em outras esferas, em outros sujeitos, em outras instituições, em outros eventos, bem como se articula com outros poderes. Compreender isso significa associar tais propostas à ideia de que

[...] as sociedades modernas podem ser definidas como sociedades ‘disciplinares’, mas a disciplina não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ele é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los,

prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo (DELEUZE, 2005, p. 35).

Assim, ao mesmo tempo em que a localização da escola avigora seus muros, a partir do momento em que se marca nela uma série de técnicas, de procedimentos, de rituais, essas barreiras físicas não são suficientes para tirá-la do jogo estabelecido entre outras instituições, outros aparelhos, outros acontecimentos. Por exemplo, a mesma física e uma grande aproximação discursiva presente no muro que se ergue ao redor da prisão francesa do século XIX se lançam por sobre estes que Cantet e Bégaudeau problematizam e com eles se interpenetram, atravessam e relacionam. Em momentos históricos anteriores, nos séculos XVII e XVIII, os muros eram sinônimo de prestígio, poder, riqueza e proteção (pois cercavam e protegiam as cidades). Diferentemente, no momento em que se fala de uma punição, de um encarceramento, constroem-se muros que delimitam um espaço fechado, “cuidadosamente trancado, intransponível num sentido e no outro, e fechado sobre o trabalho agora misterioso da punição [...], a figura monótona, ao mesmo tempo material e simbólica, do poder de punir” (FOUCAULT, 2012, p. 111).

Da prisão à escola e da escola ao filme, não é de se estranhar que se aproxime muito essa simbologia de determinado poder àquele que circula nas escolas e na escola caricata. Portanto, os muros de Cantet e Bégaudeau são muito mais que (e não limitados a) muros físicos, constritores, cerceadores, localizadores de uma espacialidade; mais do que o local cerrado de um poder que produz, de uma disciplina que o percorre de alto a baixo, de sua verticalidade à horizontalidade das relações. Esses muros têm função múltipla de materialidade de um local, de simbolismo de um poder e, complementarmente, de mescla e de aproximação possível a outros espaços; eles são, assim, a materialidade de uma prática, uma prática que se dá com efeitos reais. Não é apenas através dos muros que se estabelecem relações entre a escola e outras instâncias, como a prisão, a indústria ou o exército, que certa vez analisou Foucault. Mas antes mesmo de serem condição, esses próprios muros se constituem num efeito de um poder disciplinar, que age *na e para além da* materialidade do espaço escolar e o coloca no jogo desse poder que se multiplica em diversos pontos e diferentes esferas. Nesse caso, desde que entendamos os limites e o campo de relações que se estabelece, podemos trazer a ideia de Brausch (2012, p. 81): “o espaço é dotado de poder”.

Voltemos às cenas iniciais descritas e, em especial, àquela da sala e dos móveis que Cantet e Bégaudeau nos fazem tomar como uma sala de aula: as carteiras enfileiradas, alinhadas; a janela que percorre a extensão da sala com o intuito de melhor iluminá-la. Não há, na cena, um quadro-negro, mas sabemos que ele está lá, à frente, para onde todas as carteiras se dirigem. Assim como não há, também, um professor, mas já sabemos (ou, pelo menos, podemos supor a partir das práticas que analisamos) o local que este ocupará na disposição dessa sala. Não há alunos, mas temos fortes indícios de onde sentarão – no caso do filme, em duplas, ocupando as carteiras – e como sentarão. Sabemos que agirá ali um poder disciplinador que buscará se exercer integralmente – não por exigência do professor, ou dos alunos, ou da direção, mas pelo concerto que busca sua harmonia numa execução em que todos têm um papel importante nessa orquestra disciplinar: não sendo propriedade de nenhum dos músicos, a execução correta e perfeita da sinfonia compete a cada um deles. Como na orquestra, o poder disciplinar que se aponta em *Entre les Murs*

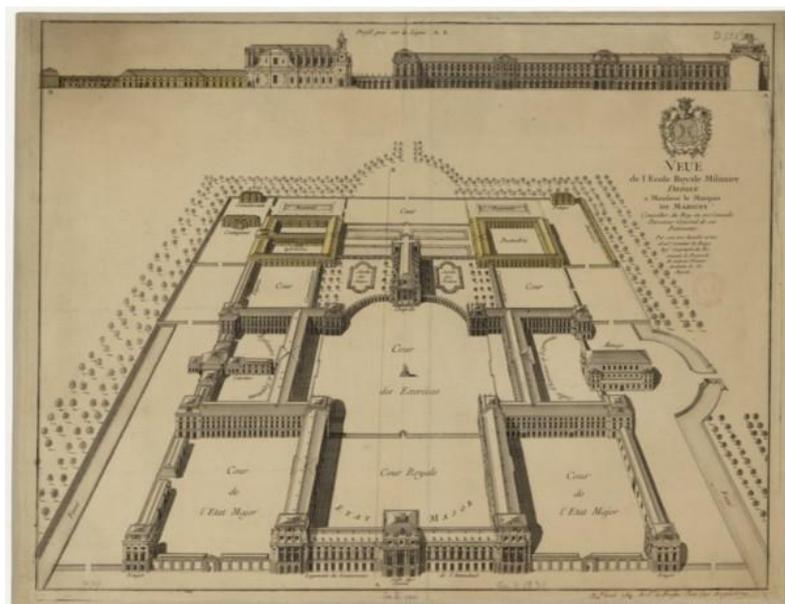
não está num ou noutro sujeito ou nos próprios muros, mas circula como “o efeito de conjunto de suas posições estratégicas” (FOUCAULT, 2012, p. 29), e é nesse movimento que podemos aproximar a escola encenada à escola vivida, assim como também se faz necessária a correlação entre a escola vivida, a fábrica, o exército, a prisão, e muitos outros locais nos quais se faz presente um poder disciplinar, que não é barrado nem por muros nem por palavras. É nesse sentido que vemos a potencialidade de iniciar nosso estudo por uma análise desse espaço, buscando pensá-lo num sentido plural.

A escola tem muros? Com esses indícios trazidos por Cantet e Bégaudeau e partindo das discussões propostas por Foucault e demais autores, sim, tem, mas essa propriedade implica uma série de funções que não se limitam ao aspecto físico, na mesma proporção em que necessitam dessa física.

Por um lado, a presença dos muros se perfaz na marcação de um espaço, de delimitação de práticas, técnicas e ações – basta ver como isso é importante para a própria constituição da escola:

A escola foi inaugurada em 10 de outubro de 1950. Tinha apenas quatro salas de aula e não possuía muros. Com um desabamento devido a fortes chuvas, foi demolida, reconstruída e ampliada, tendo sua reinauguração em 23 de março de 1977. Nesta época a Hermê já possuía oito salas, muro e até quadra de esportes. Em 1995 passou por uma nova grande obra, recebendo nova estrutura na rede física. Desde 1999 a escola funciona em horário integral (PROJETO..., 2014).

É no sentido de que esses muros se manifestam de diferentes formas que os entendemos: eles demarcam e concentram todo um aparato técnico de um poder disciplinar que, em sua constituição, exige o controle do espaço em que circula.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 1 – Vista da Escola Real Militar Francesa, dos anos 1700. Destaque para a disposição dos muros que circundam e localizam todo o espaço. Fonte: Projeto de Georges-Louis Le Rouge, obtido em gallica.bnf.fr.



Figura 2 – Escola Municipal de Cacoal, Rondônia. Ainda, aqui, numa outra configuração, observamos a presença dos muros. Fonte: Escola... (2012).

Por outro lado, esse isolamento não é absoluto. Aliás, nem podemos falar aqui em isolamento, principalmente pelo fato de evidenciarmos a aproximação desse espaço com outros nos quais esse poder disciplinar circula.

[O poder] deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (FOUCAULT, 1999, p. 35).

Por conta dos efeitos materiais que essa circulação tem, a própria existência dos muros é uma das marcas dessa articulação. É nesse sentido que entendemos, com Brausch (2012, p. 89), a noção de que Foucault nos convida “a fazer uma história conjunta dos espaços e dos poderes. [...] O fato é que o poder (qual seja a sua modalidade) é sempre remetido a configurar o espaço” e, com isso, tem efeitos nos sujeitos, nas práticas, assim como é destes um produto também.

Para além de uma física, ao nos remetermos aos muros, buscamos destacar que eles têm a função discursiva de pôr em jogo a escola e algumas de suas relações, assim como as estratégias que ali se desenvolvem e se correlacionam com outros lugares. O poder que se manifesta entre esses muros não se mostra presente *apenas* ali, mas perpassa, sim, também outros locais, práticas e sujeitos, ao mesmo tempo em que marca uma opção de educar nesse espaço fechado por muros (VARELA, 1994). No momento de tratar de uma série de técnicas relativas ao exercício e constituição do *poder disciplinar*, Foucault busca “exemplos nas instituições militares, médicas,

escolares e industriais. Outros exemplos [não limitados a instituições] poderiam ser tomados na colonização, na escravidão, nos cuidados na primeira infância” (FOUCAULT, 2012, p. 136). Por meio desses exemplos, entendemos que, ao mesmo tempo em que isolam, os muros que delimitam o espaço escolar também servem de sintagma de uma série de outros investimentos e espaços que possibilitam a circulação de um poder *disciplinar*.

II

Mas a análise do título do longa-metragem e as primeiras cenas de Cantet e Bégaudeau não esgotam todas as aproximações possíveis entre o filme, a escola vivida e o poder disciplinar que os cruza; essa primeira análise permite, ao contrário, um movimento de multiplicação e adensamento que faz se entrecruzarem esses três elementos numa ação concertada e muitas vezes desconcertante – o que nos conduz a compreendê-los imbricados nessa anatomia política e mecânica do poder (FOUCAULT, 2012), materializada nas práticas, técnicas e procedimentos que, se ora visibilizamos, ora também estão ofuscadas no filme e se pluralizam nos eventos cotidianos nos quais agem.

Tanto no filme quanto em nossas vivências, a todo o momento percebemos a presença de uma arte que busca aumentar as habilidades dos corpos e, ao mesmo tempo, e não menos, também torná-los mais úteis nesses locais em que se encontram. Essas noções se colocam na proposta da constituição de uma *sociedade disciplinar* marcada por múltiplos movimentos que buscam um menor custo (de tempo, de ações, de investimento, de sujeitos), o máximo de intensidade (pois, para sua formação e manutenção, requer-se que esse poder aja em toda a sua extensão, sem lacunas), uma docilidade e uma utilidade (no sentido de aumentar sua capacidade e minimizar sua potência, numa relação estrita de sujeição), a produção de conhecimentos sobre determinado objeto e, ainda, que reforçam o estabelecimento de assimetrias insuperáveis e sem reciprocidades (FOUCAULT, 2012).

Se essas são características e condições de uma sociedade disciplinar, é porque correlatas a elas se desenvolvem séries de processos nos quais age o poder disciplinar, que ganha ênfase a partir da sua espacialização nos corpos que torna objeto e produz conhecimentos: corpos dóceis, distribuídos, controlados, organizados, compostos, combinados, adestrados, vigiados, normalizados, examinados constante e ininterruptamente.

Na disciplina se manifesta uma ação que perpassa múltiplos aspectos das vivências; ela percorre esses sujeitos em diversos níveis e, principalmente, se atém como “uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 2012, p. 134). Evidenciamos esses aspectos em *Entre les Murs* em movimentos mínimos e básicos que, por sua simplicidade, não devem ser esquecidos, como o “levantar a mão para se pronunciar”. Contudo, isso ainda não é o maior nível do detalhe, pois este deve esquadriñar mais e mais os corpos. No filme se desenvolvem elementos microfísicos – e é com isso que o longa-metragem de Cantet e Bégaudeau ganha sua força representativa –, pois sua encenação concebe vivências que assinalam essa anatomia política, como no caso em que, tanto nele quanto numa escola do município do Estado de São Paulo, se proíbe aos alunos o uso do boné, mesmo este acessório sendo um item

que há tempos “faz parte do estilo da meninada”⁴. Para além do controle genérico, quando se verifica uma lei que considera um desrespeito o uso do boné⁵, atinge-se tanto a massa geral de sujeitos que ocupam aquele espaço quanto se individualiza quem usa boné e, por conta dessa regulamentação, não poderá utilizá-lo.

Depreendemos que essa singularização do corpo está imbricada numa composição das forças que tem por objetivo (às vezes quimérico e ilusório) aumentar a eficiência dos processos. Muito mais do que uma simplificação e restrição a uma característica negativa das disciplinas, que apenas conformariam ou submeteriam os sujeitos a forças externas, para além disso, conforme Wellausen (2007, p. 18), no conjunto das disciplinas “o corpo não é passivo, ao contrário, é ativo”. Com isso, nesse complexo de relações de forças e formas, reforçam-se as bases da eficiência e economia da disciplina: num comando, apenas, retira-se o boné e se autoriza (no mesmo instante em que se exige) àquele que ocupa um local de poder a fiscalização da norma; isso atinge uma extensão que se promove a ponto de não ser mais necessário nem o comando, uma vez que

[...] a ordem não tem que ser explicada, nem mesmo formulada: é necessário e suficiente que provoque o comportamento desejado. Do mestre de disciplina àquele que lhe é sujeito, a relação é de sinalização: o que importa não é compreender a injunção, mas perceber o sinal, reagir logo a ele, de acordo com um código mais ou menos artificial estabelecido previamente (FOUCAULT, 2012, p. 159-160).

Se não se explica a lei ou sua motivação, é porque não é necessário à disciplina esse convencimento, mas sim o seguimento de sua prescrição. O prefeito “faz saber”⁶ e, a partir dessa publicação, que se cumpra o disposto nela.

Mas essas forças se compõem num sistema o qual se engendra e se reforça, pois se os corpos são singularizados no exercício do poder disciplinar, se a ação sobre esses sujeitos implica um sistema preciso de comando que se estenda a todos, é necessária também uma especificação temporal que possibilitará uma organização na qual essas ações se desenvolverão. Sucessão de aulas, umas após as outras; controle do tempo de início, intervalo e final dos trabalhos; regulação dos momentos de descanso e de atividades, seja de professores, de alunos ou do corpo diretivo.

Destes três elementos, singularidade dos corpos, comando eficiente e modulação do tempo, na escola de Cantet e Bégaudeau, assim como em outras, destaca-se uma tecnologia em especial que agrega todas essas propostas: o *sinal*. Remontando à própria constituição da escola, o *sinal* exerce essa *função* múltipla e que potencializa a composição dessas forças.

Com base nisso, entendemos ser interessante em nosso estudo procedermos a uma especificação mais detalhada da tecnologia disciplinar (e máquina escolar) que é o sinal por considerá-lo importante nos efeitos que se dirigem para além dos corpos e que interpelam os conhecimentos:

4 Cf. Deorodo Moreira, secretário da Educação do Estado de São Paulo, em entrevista ao Diário Web, em 25/11/2010 (PROIBIDO... 2010).

5 Cf. Antonio Carlos Parise, autor do projeto de lei em entrevista ao Diário Web, em 25/11/2010 (PROIBIDO... 2010).

6 Cf. Lei Municipal de São José do Rio Preto, Nº 10.824, de 23 de novembro de 2010 que regulamenta o uso de aparelhos eletrônicos e bonés nas dependências das escolas (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2010).

1) Começamos com uma primeira cena genérica. Corpos espalhados. Professores e alunos localizados na escola, mas ocupando espaços diferentes. Estamos naquilo que se chama *intervalo, recreio, tempo*. Aqui há certo afrouxamento que parece pairar sobre esses sujeitos e que traz um sentimento de multidão, de conjunto indiviso: de um lado, há correria, gritos, uma bola rolando, comida, paquera e risadas; de outro, um cafezinho, o descanso num sofá, a conversa de como está sendo o dia, o botão da camisa solto, os olhos fechados para repousá-los. Mas esse afrouxamento é mais um sentimento do que, de fato, um estado; essa massa que se sente disforme consiste mais em unidades dispostas espacialmente, as quais compõem, efetivamente, um aglomerado espesso, do que uma massa sem rosto. Isso se clarifica no exato momento em que determinado som se propaga em sua dupla mecânica de onda e tecnologia. Esvai-se o sentimento de frouxidão, a massa decompõe-se de sua ilusão e volta à sua esfera de corpos, sujeitos, individualidades conjugadas sobre os quais age um poder. O sinal do final do recreio acena uma tecnologia eficiente e econômica.

Num toque, num soar, em poucos segundos, a partir dele, os alunos iniciam seu movimento de retorno à sala de aula; os professores dirigem-se ao seu espaço; o corpo diretivo organiza-se em retorno à sua atividade de coxia. Esse sinal move numa mesma direção corpos que, em determinado tempo e espaço, se moviam em outra; ou ainda, para aqueles que recorriam à inércia da localização fixa, coloca-os em movimento no mesmo conjunto direcional que os anteriores; e há ainda aqueles que, antes mesmo de esse som surgir, já realizavam sua tomada de posição rumo ao espaço aglutinador de todos os corpos.

O horário do término do recreio será marcado por um sinal com 5 minutos de antecedência, para que se interrompam as atividades e os alunos se preparem para o reinício das aulas. Ao ser dado o segundo sinal, o aluno deverá estar em sala de aula aguardando o professor (NORMAS, 2013)⁷.

O sinal do final do recreio materializa uma técnica numa tecnologia, assim como vai além e afasta em um só golpe aquela ilusão de massa disforme que já se sabia passageira, que se sabia controlada por um limite temporal e que, por isso, modulava as ações nesse período. “A reação ao sinal é um reflexo, mas não uma reflexão; o sinal [...] não é submetido a uma interpretação” (DEYANOVA, 1994, p. 65). O sinal exige uma rapidez, presteza, porquanto sua existência marca o final de uma etapa exatamente na mesma proporção que anuncia o início de outra.

Ao sinal o professor fechará a porta da sala de aula e o aluno que estiver atrasado será encaminhado ao SOE e o fato registrado em formulário próprio. Entre as demais aulas os sinais indicam apenas a troca de Professores (REGULAMENTO, 2012)⁸.

Nessa primeira cena, o sinal investe sobre os corpos a sua identificação, lembra-os de sua posição, seu espaço, no mesmo momento em que os organiza numa divisão do tempo bem especificada.

7 Cf. Normas da Escola do Futuro, de Coqueiro, Manhaçu, MG (NORMAS, 2013).

8 Cf. Regulamento de 2012 do Instituto de Educação Renascença, Caçapava, SP (REGULAMENTO, 2012).

2) E, imediatamente, outra cena, que extraímos agora de *Entre les Murs*. Estamos próximos ao final da aula. Em sala, segue-se uma discussão acerca da escrita de si, cuja orientação é: “Escreva seu autorretrato”. Mas o elemento central que buscamos expor não é a temática que se discute ou a tarefa que se realiza. Aquilo que torna significativa essa cena para nossa discussão é justamente o seu último suspiro, no qual, por um instante, temos a aparição do sinal da escola.

Embora essa cena se desenvolva num momento de final de aula, destacamos aqui uma função que, diferentemente da cena anterior (e ainda assim concertado com ela), se multiplica para além de uma etapa do dia. Aqui, o sinal, inicialmente entendido como tecnologia de um poder disciplinar, incorpora uma *função* para além dos corpos.

Na derivada de tempo que há precisamente antes do aparecimento do sinal, percebemos uma organização e desenvolvimento de relações que são modificadas no exato instante de sua manifestação. Antes do sinal, a ordem é: “Todos podem falar, mas sejam educados”. Quando de sua aparição, um novo jogo de poderes. O professor ainda é a referência da sala, mas os alunos, em sua maioria, já se sentem autorizados a abandonar sua posição estável. No ato do surgimento do sinal há uma modificação das próprias relações: embora elas não deixem de existir num só minuto, a elas é dado outro arranjo, pois o sinal, assim como os muros, delimita um campo de ação. Claro que, conforme as lutas traçadas, os acontecimentos, esse efeito de *movimento* que tem o sinal pode ser posto em xeque, mas para isso se percebe a exigência de outras forças além daquelas que já estão agindo. Se a voz do professor era o eco da autoridade nos instantes precedentes ao som-tecnologia-função, durante e após este, a mesma voz é reportada a um murmúrio que já não se compara mais com a antiga posição que ocupava.

Os efeitos do sinal são profundos. Ao seu toque, e no novo arranjo de distribuição do poder que ele possibilita, as próprias regras mudam, pois também elas são válidas sob determinado campo e, nessa conjuntura, são modificadas. Basta nos atentarmos para um dos cantos da cena, em que as primeiras ações desse novo espaço, desse novo tempo e dessas novas regras são tanto colocar o capuz, que no início do dia havia sido retirado, quanto retornar à posição natural o boné que havia sido banido. Ainda assim, a própria maneira como esses movimentos são executados mostra que não houve, nem por um segundo, a vacância de um poder disciplinar, uma vez que eles também se realizam de forma rápida, concertada, eficiente e econômica: em apenas um movimento um aluno se levanta, segura seu caderno (que estava sendo utilizado) e veste o capuz. Ao contrário de uma ausência, esses procedimentos denotam a constância desse poder, no mesmo ato em que indicam uma modificação das relações, pois

[...] a disciplina tem que fazer funcionar as relações de poder não acima, mas na própria trama da multiplicidade, da maneira mais discreta possível, articulada do melhor modo sobre as outras funções dessas multiplicidades, e também o menos dispendiosamente possível [...]. Em uma palavra, as disciplinas são o conjunto das minúsculas invenções técnicas que permitiram fazer crescer a extensão útil das multiplicidades fazendo diminuir os inconvenientes do poder que, justamente para torná-las úteis, deve regê-las (FOUCAULT, 2012, p. 208).

Nesse sentido, percebemos se estabelecer a possibilidade de um diagrama do poder que, conforme Foucault (2012) e comentadores, como Deleuze (2005) ou Díaz (2012, p. 121), “não é uma estrutura. É um sistema físico instável e em contínuo desequilíbrio”.

Nessa segunda cena, o sinal desempenha outra (embora muito próxima) função: ele dá dinâmica e potência aos corpos. Alinhavada nessa trama, a ocorrência desse sinal também pluraliza as relações, permite a investida de uns sobre os outros nessa permanente tensão do poder e age sobre os próprios conhecimentos, limitando-os, separando-os, legitimando-os.

3) Das duas cenas comentadas, é inegável o papel de destaque do sinal. E entenda-se que não é necessariamente o tipo de *som* em si. Em *Entre les Murs* soa uma campainha, mas não é a campainha que implica e desdobra todos os processos apontados. O que prevalece nesse caso é a *função* que esse sinal tem de organizar a distribuição espacial e as relações de poder. E nisso podemos destacar outra característica dessa tecnologia funcional pertencente ao mecanismo complexo do poder disciplinar que perpassa o espaço que ora analisamos: é necessário que o poder se desenvolva sem inconvenientes e, caso ocorram, que os minimize; para sua ação ser mais intensa, a sua própria existência tem de perpassar por diferentes modos, nem que assuma sua presença inquestionável de modo a torná-la *doce* – se em uma época em que a música brasileira era apropriada por um grupo de artistas considerados por alguns críticos como *Bárbaros*, no sentido pejorativo do termo, foi no próprio investimento de sua presença que eles se intitularam, sim, como bárbaros, mas *Doces Bárbaros* (e seus efeitos foram mais potentes do que quando eram ainda um grupo, como outros, de artistas). Nesse sentido, conforme disse Foucault (2012, p. 190), “a visibilidade é uma armadilha” – e é nessa mesma armadilha, nessa mesma visibilidade, que o sinal e sua função coagente podem ser modificados em sua materialidade, *adoçados*, como os *Bárbaros*, a ponto de se trocar o sinal-barulho por um sinal-música; “músicas escolhidas pelos próprios estudantes”⁹. Sinal *doce* que torna *dócil*, e talvez, por isso, seja até mais potente e, no mínimo, elegante.

A forma de expressão material dessa tecnologia sinal não é o centro aglutinador de seus efeitos. Como apontado, sua modificação pode muito bem possibilitar que ela se insira mais facilmente (ou seja, mais visível, porém mais ofuscada, menos identificável) na dinâmica e organização do espaço escolar, seus tempos, ações e conhecimentos: “é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável” (FOUCAULT, 1988, p. 96). Ainda assim, é importante destacar que são seus efeitos de tecnologia de um poder disciplinar, desenvolvida enquanto função, que se sobrepõem à sua materialidade. Tanto é que, se olhados os documentos que sistematizam os funcionamentos das escolas, o sinal não tem explicitadas suas variações, modulações ou formas de soar:

A movimentação das turmas durante as aulas, nas entradas e saídas para o recreio, deve ser feita de forma tranquila, respeitosa, sem correria, para não prejudicar o andamento das atividades das demais. *O sinal*, no intervalo das

9 Embora nossa prática (de autores e professores) tenha encontrado em muitas escolas situações como essa, em que o sinal-barulho também foi substituído por uma música apazível, é interessante notar que isso é motivo de notícia jornalística, conforme matéria publicada em 13/07/2009 no site da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (ESCOLAS..., 2009).

aulas, é para troca de professores. O aluno deverá permanecer em sala, no devendo lugar, preparando-se para a próxima aula (MANUAL..., 2013, grifo nosso)¹⁰.

*

Frequência: A frequência às aulas é obrigatória. O aluno que vier à escola deverá participar de todas as aulas. No intervalo das aulas, o aluno deverá esperar o professor dentro da sala de aula. O horário do término do recreio será marcado por *um sinal* para que se interrompam as atividades e os alunos se preparem para o reinício das aulas (ORIENTAÇÕES..., 2013, grifo nosso)¹¹.

“O sinal”, “um sinal”: formas que não marcam *qual o tipo* de sinal deverá ser esse aviso. Novamente, retornamos ao poder disciplinar que percebemos perpassar a escola e em relação ao qual destacamos sua economia, conquanto que o modo de propagar um *som* que seja perceptível pela maioria do corpo escolar é muito mais simples e implica um menor custo tecnológico do que outros meios. Portanto, nada melhor e mais eficiente, pelo menos até o momento, que o sinal-som para se agir sobre esses corpos, colocá-los em movimento, dinamizá-los, localizá-los num espaço, especificar-lhes uma série temporal na qual devem se organizar.

No regulamento escolar, no cotidiano da escola vivida ou daquela representada no cinema, podemos então reafirmar que esse sinal não se manifesta única e exclusivamente enquanto som, mas também, e principalmente, como *função* própria a um espaço que tanto se articula com outros quanto tem suas especificidades, e que se apresenta com uma enorme potência sobre os corpos, conforme assinalamos sua vinculação à composição das forças, à uniformidade do comando e à singularização desses corpos. É assim que entendemos que “o tempo penetra os corpos e com ele todos os controles minuciosos do poder” (DEYANOVA, 1994, p. 62). Entretanto, no conjunto da análise que temos empreendido, notamos que não há apenas essa função (sinal) e esse nível (corpos) como potências de um estudo do poder disciplinar no universo da escola. Se essa função é tão potente, se o nível dos corpos é muito marcado como foco de sua ação disciplinadora – como notamos presente em diversos estudos que se referem à escola, a exemplo de Brausch (2012), Verherve (2012), Souza (2006), Dametto e Soligo (2003), Motta (2011), Leal e Henning (2010), dentre outros –, muito fortemente somos levados a problematizar e pensar outros níveis possíveis de serem analisados na escola, assim como outras prováveis funções e suas diferentes dinâmicas e articulações.

III

Temos marcado até aqui essa vinculação do poder disciplinar com os corpos a partir dos estudos de Foucault enquanto um processo que opera uma “tecnologia política do corpo” (FOUCAULT, 2012, p. 27). Se trabalhamos isso foi para, então, trazer outro elemento ao estudo do poder disciplinar. Assim, se sobre os corpos percebemos se desenvolver uma economia, uma eficácia, uma organização que lhes sujeita e sobre eles (e com eles) produz um saber, não vemos menos esses desdobramentos sobre os próprios *conhecimentos*. Entendemos que, no exato instante que passamos à escola e às produções que nela se dão, não apenas temos uma ação disciplinar sobre os corpos e seus movimentos ou atitudes; há uma ação, sim e também, no nível dos conhecimentos: regulando-os, organizando-os, selecionando-os

10 Cf. O Manual de Convivência Escolar do Colégio Pró Campus, de Teresina, PI.

11 Cf. as Orientações aos Alunos, da Escola Caminho Suave e Colégio Villa-Lobos, Sertãozinho, SP (ORIENTAÇÕES..., 2013).

conforme mais necessário ao desenvolvimento desse poder disciplinar, dispondo-os temporalmente segundo regras específicas. Apropriando-nos daquilo que Veiga-Neto (1996) propõe, podemos dizer que há um processo de disciplinarização que se manifesta em diferentes domínios, dois dos quais nos interessam: um deles refere-se ao da disciplina-corpo, e é basicamente aquele que temos descrito até o momento; o outro refere-se à disciplina-saber, que passaremos a analisar mais detalhadamente e o qual buscaremos problematizar.

Seguramente, isso não significa que pretendemos enclausurar os conhecimentos e dizer que no espaço escolar eles sejam totalmente diferenciados e isolados, ou ainda que eles não estejam profundamente imbricados com outras práticas que não se limitam à escola, como bem nos aponta, de diferentes formas, Lopes (1999, 2007). Muito pelo contrário. É nesse sentido que nos propomos a traçar algumas séries (FOUCAULT, 2009) que nos permitem evidenciar, ora por sua dispersão, ora por seu aglutinamento, a ação do poder disciplinar e dos saberes que são construídos sobre determinados conhecimentos quando nos localizamos na escola.

De forma a utilizarmos as articulações daquilo que já propusemos e daquilo que ora se coloca, busquemos novamente como estratégia metodológica desse ensaio a análise da função sinal (que até agora foi centrada nos corpos) e seu desdobramento em termos dos conhecimentos produzidos na escola.

Começamos analisando a própria função sinal: ela é, como vimos, em resumo, uma técnica de separar em diferentes segmentos espaço e tempo. E aqui temos novamente a potência dessa função própria ao poder disciplinar: em muitos dos cortes secos de uma cena para outra, no filme de Cantet e Bégaudeau, o som do sinal em si não aparece; ao longo do filme esse barulho funcional é evidenciado cerca de duas vezes; todavia, não é por seu não aparecimento que não o tomamos como presente, pois, em diversos cortes, segmentos, em novas cenas, mesmo que ele não apareça, sabemos muito bem que lá estava ele no contorno daquilo que o filme recortou, na margem que a moldura da câmera excluiu e que ainda assim tem seus rastros e marca sua presença. Daquilo que já apontamos, na derivada temporal anterior e posterior à ação da função sinal, podemos perceber uma distribuição regulada dos jogos de poder que percorrem o espaço escolar e que podem dar-se sobre os corpos, mas não apenas sobre eles; evidenciamos, ainda, a possibilidade dessa função do poder disciplinar dar-se, também, sobre os conhecimentos produzidos nesse local.

Com Foucault (2012, p. 141) encontramos a consideração da existência de um processo de “sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente”, próprios à ação do poder disciplinar. Se com ele depreendemos a disciplina dos corpos como “arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos” (FOUCAULT, 2012, p. 141), tais arranjos e filas não são menos pronunciados no nível da produção de conhecimentos: vemos nestes as séries bem delimitadas daquilo que é o foco em determinado momento, aquilo que já foi visto e o que deverá vir no encadeamento desse processo; percebemos com eles um espaço bem determinado, o qual se refaz a todo instante a partir dessa função que temos como *sinal*.

Depreendemos, assim, o que Foucault considera como um quadriculamento, não mais dos corpos, mas, agora, dos próprios conhecimentos, uma vez que estes podem ser dispostos numa grade de horários¹² (como no caso de diferentes áreas que

¹² Como as que podemos obter em <<http://marista.edu.br/domsilverio/aprendendo/fundamental/quadro-de-horarios-aulas>>, em que evidenciamos esse quadriculamento materializado em diferentes períodos (site acessado em 03 fev.

se revezam em sua produção de conhecimento) ou, ainda, quando tratamos de um mesmo campo de conhecimentos, organizados em um *plano* que os disporá temporalmente a partir dos diferentes segmentos¹³. No primeiro caso, temos uma localização funcional que se perfaz sobre os conhecimentos e o momento em que devem aparecer: o oitavo ano, turma E, terá, na segunda-feira, entre 13h15 e 14h05, aula de Língua Portuguesa, enquanto a turma F terá aula de Ética; após esse período, soará um *signal* indicando a mudança dos períodos, e a turma E deverá continuar por mais 50min os trabalhos de Língua Portuguesa, ao passo que a turma F deverá encerrar os trabalhos de Ética e iniciar os de Inglês¹⁴. Já no segundo caso, não evidenciamos essa repartição entre disciplinas, mas dentro de uma mesma disciplina que se distribuirá ao longo de diferentes *períodos* (também marcados pela função *signal*) e de forma a individualizar os diferentes *conteúdos* de determinada área do conhecimento: o primeiro bimestre da aula de química desenvolverá em 10 aulas os temas relativos à construção da matéria; na sequência, se disporá de mais 10 aulas para o trabalho com os tipos de misturas e a natureza elétrica da matéria; o bimestre será finalizado com 10 aulas referentes à identificação dos átomos, aos estados energéticos dos elétrons e à distribuição eletrônica¹⁵. A cada momento, conhecimentos dispersos em áreas são postos em discussão; a cada surgimento do *signal*, um novo período inicia e, com ele, se avança mais um pouco no *planejamento* que organizou, por uma série de outros conhecimentos, técnicas, saberes, procedimentos, alguns dos conhecimentos próprios a determinado momento da sala de aula.

Na companhia de Foucault (2009, p. 127) entendemos que a análise dessas dispersões se potencializa quando buscamos “antes sua periferia que sua organização interna, antes sua superfície que seu conteúdo”; ou seja, depreendemos como muito mais visível, ou melhor, visibilizável, essa ação sobre os conhecimentos (ou outros objetos) quando adentramos mais no nível de sua dispersão. Retornando ao filme, isso implica analisar a dispersão das cenas-relações: mais na periferia delas, entre elas, delas com outras, do que se tomarmos uma cena em si. Em cada uma percebemos diferentes temáticas exploradas nas aulas, porquanto ora temos uma dinâmica para alunos e professores se conhecerem, ora temos a leitura do *Diário de Anne Frank*; ora o foco daquele segmento é uma discussão léxica, ora a base está na semântica, ora se deve escrever um autorretrato; em cada um destes segmentos se vê produzida uma série de conhecimentos relativos a determinado campo os quais percebemos estar imbricados no processo ativo do poder disciplinar, percorrendo-lhes em sua dispersão de temas e aglutinando-os numa ordem, numa sequência, numa espacialidade, naquilo que o professor *Marin* identificará em sua função: “eu sou professor de francês”; e que nós, muitas vezes, enunciemos e vemos enunciarem: “dou aula de química”, “sou professor de história”, “hoje tive uma aula muito boa de geografia”, “a professora fulana explica muito bem o conteúdo de sociologia!”.

2014).

13 Como exemplo, é possível notar os planos de aula que sistematicamente são realizados nas escolas e nos quais temos essa divisão bem organizada dos conhecimentos. Exemplos disso, além de nossa vivência direta, podem ser obtidos livremente na internet, como os da Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Dr. Elpídio de Almeida (Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/qcavalcante/planos-de-aula-2012-pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2014) ou os da Escola Estadual Eslebão Lima (Disponível em: <<http://liliosadepaivaleite.blogspot.com.br/2012/03/plano-de-curso-de-historia-2-serie.html>>. Acesso em: 31 jan. 2014).

14 Grade disponível em: <<http://marista.edu.br/domsilverio/files/2012/03/8%C2%BA-EF-TARDE.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

15 Planejamento disponível em: <<http://pt.slideshare.net/JOSEANTONIOQUIMICA/planejamento-de-quimica-do-1-ano>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

Não menos ativo, o poder disciplinar em sua pluralidade de imbricamentos com outros campos age na escola também sobre os conhecimentos, torna-os objetos do saber que produz e, produtivo que é, com eles cria novos conhecimentos não menos organizados, separados em séries específicas, bem delimitadas, que obedecerão a uma temporalidade que será necessariamente atravessada, no universo da escola, pela função sinal.

Se analisarmos essa dispersão nas aulas de *Monsieur Marin*, assim como naquelas que se desenvolvem na grande parte das escolas que conhecemos, perceberemos que os conhecimentos produzidos não ocorrem ali ao acaso, de acordo com a vontade, segundo um processo aleatório de colocação de problemas que afligiriam os alunos ou o professor, desenvolvidos em sua liberdade até sua exaustão, ou conforme se queira. Quando tomamos os conhecimentos produzidos na escola a partir da referência ao poder disciplinar e a sua necessária rede de relações, ficam visíveis os diversos cruzamentos que ali agem e que constroem a ação. Não se podem trabalhar todos os conceitos e conteúdos relativos à química, assim como não é viável realizar uma imersão nos textos da história da física. O poder disciplinar reitera a existência de muros, no sentido de sempre relembrar a escola de seu papel de organizar corpos e, talvez, atualmente com muito mais ênfase, conhecimentos.

IV

Se iniciamos nosso texto com uma análise da escola de Cantet e Bégaudeau; se procuramos colocá-la em relação à escola que temos nos deparado diariamente; se articulamos estas duas às análises de Foucault acerca do poder disciplinar; se centramos nosso argumento em termos de uma tecnologia específica que nos possibilitou demarcar mais densamente a ação desse poder o qual, embora esteja articulado com outras instituições, práticas e discursos, nos permitiu centrar nosso argumento naquilo que denominamos de *escola* e seu desdobramento nos corpos e conhecimentos; tudo isso se constituiu como uma demarcação de condições de possibilidade para se pensar acerca dos muros da escola e dos processos que ali ocorrem. Não necessariamente limitado a essa física circunscritora, o poder que ali age a coloca no jogo ampliado de uma sociedade e na sua espacialidade de seus acontecimentos restritos. De um modo ou de outro, seja para ampliá-la ou limitá-la, os muros têm uma função importante nesse jogo de relações, que, conforme buscamos marcar, reitera a escola como um dos locais nos quais o poder disciplinar age com uma intensidade e extensão muito peculiar.

Embora existentes em níveis diferentes, podemos observar uma complementaridade operada pelo poder disciplinar no nível de uma materialidade direta (corporal) e derivada (conhecimentos). Se, em *Vigiar e Punir*, Foucault (2012) nos fala de corpos disciplinados e, em seguida, em *Em Defesa da Sociedade* (1999), ele nos aponta a existência de uma época de disciplinamento dos saberes, não é motivo de estranhamento que evidenciemos e percebamos a forte articulação e concerto potente que há entre disciplinas, corpos e conhecimentos entre os muros da escola.

É nesse sentido que pensamos que essa escola da qual falamos apreendeu muito bem essa *arte do corpo*, essa disciplina. Pôde extravasá-la facilmente do corpo ao conhecimento, de modo que seus efeitos (pensados ou não) marcam um compasso tão grande a ponto de esses dois diferentes objetos serem confundidos como um

só: corpo e conhecimento disciplinados. Um concerto que reforça a elegância da disciplina em suas diferentes expressões e ações: o conhecimento é disciplinado por mecanismos também utilizados aos corpos; os corpos se adéquam, em grande medida, aos conhecimentos que estão sendo desenvolvidos¹⁶. Se muito vimos ser pesquisado acerca dessa corporalidade, pouco encontramos acerca desses saberes sistematizados em conhecimentos – o que nos mobiliza a pesquisá-los e problematizá-los ainda mais. De todo modo, com este ensaio percebemos, mais uma vez, que a disciplina é econômica e, exatamente por isso, eficiente.

Referências

BRAUSCH, Géraldine. Logiche del potere e logiche spaziali in Michel Foucault: Sulle intenzioni socio-politiche dello spazio architettonico e urbano e sui loro effetti. **Materiali Foucaultiani**, v. 1, n. 1, p. 75-90, 2012.

DAMETTO, Jarbas; SOLIGO, Valdecir. Sujeito e disciplinamento: Contribuições de Michel Foucault para pensar a educação formal. **Travessias**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DEYANOVA, Liliana. Michel Foucault et la généalogie du temps normalisé. In: BROSSAT, A. (Org). **Michel Foucault: les jeux de la vérité et du pouvoir**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1994.

DÍAZ, Esther. **A filosofia de Michel Foucault**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ESCOLA está a 1 ano com cerca danificada. **Cacoal News**, Cacoal, 11 set. 2012. Disponível em: <<http://www.cacoalnews.com.br/2013/09/escola-esta-1-ano-com-cerca-danificada.html>>. Acesso em: 10 maio 2015.

ESCOLAS de Sumaré Inova e Troca Sinal Tradicional por Música. **Secretaria da Educação do Estado de São Paulo**. 13 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/escolas-de-sumare-inova-e-troca-sinal-tradicional-por-musica>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEAL, Adriana B.; HENNING, Paula C. História, regulação e poder disciplinar no campo da supervisão escolar. **Educação em Revista**, v. 26, n. 2, p. 359-382, ago. 2010.

LOPES, Alice C. **Conhecimento escolar**: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LOPES, Alice C. **Currículo e epistemologia**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

MANUAL de Convivência Escolar. **Colégio Pro-Campus**. Teresina. Disponível em: <<http://www.procampus.com.br/convivencia.asp>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

MOTTA, Flávia M. N. De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 1, p. 157-173, jan./abr. 2011.

NORMAS. **Escola do Futuro**: conhecimento para toda a vida. Disponível em: <<http://escoladofuturo.g12.br/normas.php>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

ORIENTAÇÕES para o aluno. **Escola Caminho Suave/Colégio Villa-Lobos**. Sertãozinho. Disponível em: <<http://www.caminhosuave.com.br/orientacoes.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

PROIBIDO uso de boné e celular em sala de aula. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 25 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.diariodaregiao.com.br/politica/proibido-uso-de-bon%C3%A9-e-celular-em-sala-de-aula-1.278005>>. Acesso em: 16 dez 2013.

PROJETO político-pedagógico da Escola Municipal Hermenegildo de Barros. 2014. Disponível em: <<http://emh-barros.blogspot.com.br/p/ppp-2012.html>>. Acesso em: 29 abril. 2014.

16 Basta compararmos algumas aulas, como uma de Educação Física, uma de laboratório de química e uma de português: diferentes conhecimentos que exigem diferentes regimes desses corpos.

REGULAMENTO. **Colégio Renascença**. 2012. Disponível em: <<http://www.rennet.com.br/regulamento.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. Lei nº 10.824, de 23 de novembro de 2010. **Jornal d'Hoje**, 25 nov. 2010. Disponível em: <<http://proposicoes.saojosedoriopreto.sp.leg.br/arquivo?id=247568>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

SOUZA, Maria L. C. **Os discursos pedagógicos e as práticas de avaliação nos cursos organizados por competências no CEFET-SC/SJ: O caso do Curso Superior de Tecnologias em Redes Multimídia e Telefonia**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicopedagogia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2006.

VARELA, Julia. O estatuto do saber pedagógico. In: SILVA T. (Org.). **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 87-96.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A ordem das disciplinas**. 1996. 322p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

VERHERVE, Maud. Cominciare a capire come e fino a dove sarebbe possibile pensare lo spazio altrimenti. **Materiali Foucaultiani**, v. 1, n. 1, p. 111-130, 2012.

WELLAUSEN, Saly. Os dispositivos de poder e o corpo em Vigiar e Punir. **Revista Aulas**, p. 1-23, 2007.

Filmografia

ENTRE les Murs. Direção: Laurent Cantet. [S.l.]: [s.n.]. 2008. França. Trad. bras.: Entre os Muros da Escola.